



Pós-Humano Demasiado Pós-Humano¹

Mauro Schulz de Carvalho²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo tem por objetivo introduzir e conceituar o tema do Pós-Humanismo, expondo e analisando a filosofia e os discursos mais relevantes em torno da figura do Pós-Humano, tão presente no imaginário tecnológico da cibercultura. Para tanto, tomaremos como exemplos de manifestações desse imaginário dois *websites* de organizações transhumanistas: a *World Transhumanist Association* e o *Extropy Institute*. O tema é construído a partir de uma leitura dos autores e estudiosos que tratam do tema, em comparação com aquilo que é expresso por essas instituições e organizações que defendem o Pós-Humanismo. Em linhas gerais, pretendemos demonstrar o quão comum é esse imaginário e também definir e conceituar aquilo que lhe implica.

Palavras-chave

Cibercultura, Imaginário Tecnológico, Pós-Humano, Transhumanismo

Afinal, O Que É O Pós-Humano?

Grande parte das transformações ocorridas nos últimos tempos se deve à passagem da tecnologia analógica para a tecnologia digital, mutação na qual tudo se converte em modelos de informações passíveis de transformações e manipulações:

Em outras palavras, um mundo que antes se apresentava como *fluxo contínuo*, segundo a dinâmica das tecnologias analógicas, transformou-se em aglomerados de unidades discretas (em última instância imateriais), mas passíveis de decomposição, análise e recombinação (FELINTO, 2005: 2).

Através do que poderíamos chamar de *mito da comunicação total*³ – pelo qual tudo que nos cerca pode ser entendido como sistemas de informação conectados em várias redes comunicacionais, e onde comunicação e informação não são apenas dimensões vitais da nossa vida cultural, mas parte da própria realidade em que vivemos – podemos ter a noção de um novo tipo de sujeito, aperfeiçoado tecnologicamente,

¹ Trabalho apresentado no VII NP-Intercom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, Tecnologias da Informação e da Comunicação. Este trabalho é uma versão resumida de minha monografia de conclusão de curso.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Bolsista de Iniciação Científica no projeto “Crítica do Imaginário Tecnológico: Novas Tecnologias e Imagens da Transcendência”, coordenado pelo prof. Dr. Erick Felinto, pelo período de dois anos.

³ Para maior esclarecimento sobre o *mito da comunicação total*, ver FELINTO (2005)



“capaz de conectar-se, em rede, a outras subjetividades semelhantes, tirando delas o que lhe falta para alcançar o status de um ser perfeito” (*Op. cit.*: 2).

É nessa totalidade, nesse novo modelo de subjetividade que integra o sujeito às tecnologias e à informação que surge o tema do pós-humano. Esse imaginário sobre o pós-humanismo não se faz presente somente em textos de ficções científicas ou de estudiosos da cibercultura, mas ele se apresenta também no ciberespaço, na rede, em incontáveis *websites* que se dedicam à discussão de temas que envolvem as possibilidades evolutivas do homem através das novas tecnologias genéticas, cibernéticas e computacionais. É notório como o imaginário do pós-humano se difunde por todo o espaço da rede⁴.

No interior desse *universo cibercultural* existe todo um imaginário tecnológico, repleto de representações que muitas vezes retomam discursos mítico-religiosos arcaicos, voltados ao pós-humano e suas capacidades quase mágicas de transcender todos os limites impostos aos seres humanos ditos “normais”, ou que poderíamos chamar de *standard*.

Nesse novo universo já não podemos delimitar qualquer distância entre o sujeito e as tecnologias que, constantemente, o modificam. Como ponto de partida para entendermos melhor essa confusão de fronteiras, essa transposição das barreiras do natural e do artificial, do orgânico e do maquínico, levemos em consideração três importantes pontos apresentados por Elaine Graham: a natureza sempre foi objeto de interferência do homem; a tecnologia possibilita a intervenção nos processos naturais; e que os limites entre tecnologia, humanidade e natureza são cada vez mais maleáveis.

Podemos perceber como a relação homem e natureza se tornou cada vez mais estreita através das novas tecnologias e como esses três pontos⁵ se interligam como conseqüências. O homem sempre interfere na natureza (inclusive sua própria), a tecnologia vem para facilitar essa intervenção (até incorporando-se à natureza), por conseguinte, as tão intransponíveis barreiras entre o natural e o tecnológico, o orgânico e o maquínico são quebradas ou flexibilizadas.

⁴ Uma pesquisa no Google usando como palavra-chave o termo “posthuman” irá resultar em torno de 142 mil entradas relacionadas ao tema. Além disso, durante minha pesquisa como bolsista de iniciação científica, pude catalogar, em relatórios, cerca de 30 websites de grande relevância.

⁵ Para saber mais, conferir: GRAHAM, Elaine L. *Representations of the Post/Human: Monster, Aliens and Others in Popular Culture*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2002.



Como Graham sugere, novas tecnologias reprodutivas, de clonagem e modificação genética também prometem engendrar um futuro no qual as fronteiras entre humanidade e tecnologia serão ainda mais maleáveis:

O aumento de sofisticação em técnicas biomédicas com reprodução assistida e clonagem rudimentar são prontas indicações de como cientistas estão hoje rotineiramente aptos a intervir no chamado processos ‘naturais’ com a ajuda das tecnologias. Modificação genética em plantas e animais não-humanos também sugerem que a biologia se torne ‘um artefato da tecnologia ao invés de seu limite’ (2002: 2).

Tecnologias não são mais meras extensões do homem⁶, mas sim *incorporações*, assimiladas em sua própria estrutura, tornando o homem não mais uma vítima, mas uma parte do próprio processo, se apropriando da tecnologia para superar seus limites. É decretado o *fim da barreira da pele*. “Os relacionamentos entre o humano, o natural e o construído, a partir daí, se tornam altamente maleáveis. A era digital e biotecnológica são um período facilitador do fortalecimento e evolução humanos – até divinização” (Graham, 2002: 5). Mais que nunca, portanto, o homem aparece como ser ativo, como senhor do mundo, da natureza e de si mesmo, capaz de se reinventar e determinar os rumos de sua existência por meio de seus aparatos tecnológicos. E nesse horizonte, o pós-humano surge como a imagem do homem totalmente ativo, simulacro de Deus para o qual não existem limitações.

O pós-humano, de uma maneira geral, pode ser definido como um ser híbrido, uma união de dois elementos – o humano e o tecnológico – que faz com que o homem ultrapasse suas limitações físicas ou mentais expandindo suas próprias capacidades utilizando-se de artifícios e recursos tecnológicos.

O ciborgue, por exemplo, pode ser considerado um pós-humano. Trata-se de um ser metade homem metade máquina, aperfeiçoado, com capacidades físicas e mentais que um humano “normal” não possui. Seria uma fusão do orgânico com o cibernético, máquinas que simulam ou até ultrapassam as capacidades humanas. Exemplos desses seres podem ser encontrados em filmes de ficção científica como o famoso *Darth Vader* da trilogia *Star Wars*.

O pós-humano é um ser ou um indivíduo que busca sempre se utilizar do enorme potencial das “novas tecnologias” que possui ao seu redor. Podemos dizer que ele é um explorador dos territórios da cibercultura, um ser conectado a tudo, navegador do

⁶ Marshal McLuhan foi quem cunhou o conceito dos meios de comunicação como extensões do homem.



ciberespaço, híbrido orgânico-maquínico o qual não se importa em abrir mão de sua condição humana para poder desfrutar dos benefícios incertos do porvir, proporcionados pelo que poderíamos chamar de “confusão de fronteiras” (HARAWAY, 2000: 42).

Portanto, podemos pensar o pós-humano como um melhor humano, que, através da utilização das tecnologias, amplia suas capacidades e transcende suas barreiras físicas ou mentais. Ele irá atingir um estágio de superação de suas debilidades e, dentro de uma lógica da evolução, se tornará em um homem maquínico, super-homem, ou a combinação dos dois. É possível então pensarmos em uma espécie de “evolução do *Homo Sapiens* para o *Homo Ciberneticus*” (GRAHAM, 2002: 9).

Halberstam e Livingstone, quando falam da “Condição Pós-Humana”, se referem a um mundo no qual os humanos são uma mistura de orgânico e máquina. Um mundo onde a natureza foi modificada (*Apud* GRAHAM, 2002: 10). Com isso, podemos definir o pós-humano essencialmente como um ser híbrido, um sucessor totalmente tecnologizado do homem orgânico, o qual se utiliza das tecnologias como meios de transcendência das limitações físicas humanas.

Outra definição muito interessante, a qual se alinha às definições anteriormente expostas, é dada no *website* “posthuman.com”, apenas um portal com links para os principais websites ligados ao tema, onde também se define o pós-humano como um humano melhorado através da utilização de tecnologias:

Um ser consciente que se iniciou como um humano ou uma mente com modo de pensar humano – e, em seguida, através da utilização de tecnologias, converte-se em alguém que não é mais humano. Tais seres pós-humanos não existem atualmente, de modo que qualquer definição mais detalhada de como eles se pareceriam, pensariam ou comportar-se-iam não passa de pura especulação (<http://www.posthuman.com>).

Pensar que o pós-humano é algo especulativo, uma expectativa para um futuro hipotético choca-se, até certo ponto, com as idéias do ciborgue de Donna Haraway. Para ela, estamos continuamente fazendo uso das tecnologias, nos tornando híbridos como máquina e organismo e, por isso, já somos todos ciborgues. Daí, poderíamos afirmar, se seguíssemos Haraway, que o pós-humano é algo que já existe nos dias de hoje.

Isso é muito interessante e revelador, pois podemos encontrar divergências sobre o que é o pós-humano nas diferentes definições oferecidas. Enquanto alguns pregam o pós-humano como algo a acontecer em um futuro distante, outros deixam entender que



o pós-humano é algo que já ocorre em nossos dias. Essa falta de precisão nas definições é que acaba nos revelando uma característica típica dos discursos pós-humanistas que encontramos ao estudá-los: a fluidez conceitual⁷.

Toda essa idéia exposta anteriormente nos remete ao transhumanismo que é uma “evolução do *homo sapiens*”, novo estágio da existência em que se confere imortalidade e onipotência ao ser humano através do desenvolvimento tecnológico. É onde ocorre uma espécie de “reencantamento”, em que a tecnologia é vista como algo mágico, encantado, elevada ao alto plano, com traços de divindade, possuidora de poderes elementais. Com isso, o pós-humano pode ser considerado um estágio final desse processo de evolução onde o estado transitório consiste no ser transhumano.

Em seu uso contemporâneo, “transhumano” refere a uma forma intermediária entre o humano e o pós-humano. Alguém pode perguntar, dado que nosso uso corrente da medicina e tecnologia da informação nos habilita a rotineiramente fazer muitas coisas que surpreenderia os seres humanos de tempos antigos, se nós já não somos transhumanos? A questão é provocativa, mas certamente não muito significativa; o conceito de transhumano é muito vago para termos uma resposta definitiva
(<http://www.transhumanism.org/index.php/WTA/faq21/57/>).

Com a proposição acima passamos a ter outra concepção do pós-humano que é um estágio evolutivo final do homem – um objetivo a ser alcançado – que, passando pelo estágio intermediário do transhumano e utilizando-se de meios como medicina e tecnologia da informação, poderá alcançar, em um futuro distante, todo o poder e habilidades ilimitados que somente um humano evoluído como o pós-humano pode obter, graças a todo o seu potencial expandido através das novas tecnologias.

Katherine Hayles, por sua vez, segue outra direção ao nos apontar para uma outra idéia do pós-humano, não tão contaminada por esses ideais de imortalidade e onipotência no qual o ser humano possui poder ilimitado, mas para uma versão na qual reconhece as características humanas “naturais” como condições do ser humano e que permanecem:

Meu sonho é uma versão do pós-humano que abrace as possibilidades das tecnologias da informação sem ser seduzida por fantasias de poder ilimitado e imortalidade descorporificada; que reconheça e celebre a finitude como uma condição do ser humano, e que entenda a vida humana como embebida em um mundo material de grande

⁷ Por mais que tentemos conceituar o pós-humano, muitas vezes encontramos divergências de idéias ao cruzar as diferentes definições presentes na rede ou de autores do tema.

complexidade, mundo no qual dependemos para continuar sobrevivendo (1999: 5).

O que nos aparenta como interessante é que enquanto alguns sites pregam esses ideais do transhumanismo como características de transcendências dos limites corpóreos dos homens, alguns estudiosos até enxergam essas possibilidades, porém, com cautela, não decretam o completo desaparecimento das características “naturais” do homem, como se todos nós fôssemos evoluir e nos tornar em novos seres totalmente diferentes do que somos hoje.

Isso nos remete a um processo no qual existe uma cadeia de desenvolvimento onde o ser humano em um determinado momento começa a evoluir até chegar a um estágio superior. Mas essas figuras que nos são apresentadas como pertencentes de um futuro do porvir, também tiveram suas origens em mitos modernos e da Antigüidade, além de outras representações como através dos monstros.

Existe ainda uma outra via de abordagem do pós-humano, e nesta somos conduzidos não apenas ao futuro, mas também ao passado. Pós-humanas seriam todas as representações históricas envolvendo os seres extraordinários, monstros, criaturas míticas, etc. Baseando-nos na idéia de um ser híbrido, que se utiliza de combinações com outros “elementos”, que tem por objetivo transcender as barreiras do corpo humano, evoluindo em um “super humano”, então os monstros e figuras mitológicas do Antigüidade também podem ser considerados como seres pós-humanos.

Seres como o centauro (homem-cavalo), a sirene (mulher-pássaro) ou o sátiro (homem-bode) são figuras mitológicas. Foram criaturas que ocuparam lugar de significância, contrastando e definindo o que era necessariamente humano e o que era ‘bestialidade’. De qualquer forma, eles eram seres híbridos, eram metade humano e metade animal, podendo ser caracterizados como os primeiros pós-humanos. Afinal, além de serem seres híbridos, todos eram dotados de poderes especiais que superavam os fracos humanos.

Elaine L. Graham fala sobre os monstros como guardadores das fronteiras entre os humanos e os outros, como seres que representam a diferença e também a libertação:

Monstros trazem a visão do poder do marginal, o Outro, para demarcar o conhecido e o desconhecido, o aceitável e o inaceitável. Monstros são guardadores das fronteiras entre humanos e Outros, ainda por virtude de suas terras fronteiriças habitadas, eles prometem libertação das estruturas binárias bem estritas. Sua hibridade desafia a nossa higiene ontológica (2002: 60).

Essa dualidade humano/monstros, que nos remete à visão do outro e do marginal, ou seja, do diferente, acaba nos revelando que o discurso pós-humanista traz a mesma categorização de humano/pós-humano, mas com um pano de fundo da tecnologia, à qual após ser incorporada pelo humano acaba criando uma nova espécie – categoria – onde um novo ser mais forte e poderoso, um ser também híbrido, desafia nossa higiene ontológica do humano “puro”.

A idéia do monstro e da figura do híbrido perdura até hoje, só que com uma nova roupagem, fazendo-se valer da tecnologia. Temos como precursor o mito moderno do Frankenstein de Mary Shelley, que tem traços do discurso pós-humanista ao utilizar-se de ferramentas tecnológicas para reviver uma criatura montada com diferentes partes de corpos de pessoas mortas. Essa pode ser considerada uma variante do discurso mítico que envolvia o humano híbrido em outras épocas. Um mito moderno de um ser pós-humano, com suas capacidades ampliadas.⁸

Isto demonstra uma certa aproximação do discurso pós-humanista com a ficção científica, de um mundo utópico, futurista, onde tudo é possível graças às tecnologias e os meios que o homem possui. Uma sociedade de humanos perfeitos, ciborgues, andróides, robôs, computadores, poderes telepáticos, etc. É a criação de um mundo novo cheio de novas alternativas:

Como uma variante contemporânea da escrita fantástica e utópica, como continuação “high-tech” da tradição dos contos de viajantes sobre monstros e aliens, ficção científica, questionavelmente, serve para demonstrar ambas a fragilidade de nossas suposições e a promessa de alternativas (GRAHAM, 2002: 59).

Em filmes como *Eu Robô* ou *Minority Report: A Nova Lei*, esse traço de um mundo totalmente novo e cheio de novas alternativas – de uma escrita fantástica e utópica – se encontra bem representado e serve muito bem para demonstrar que a busca por esses mundos, perfeitos, e por novas alternativas continua, muitas vezes na mesma proporção e idéias, como as das histórias fantásticas da Antiguidade, mas em uma roupagem totalmente diferente onde se utiliza a tecnologia em vez da mágica ou da fantasia.

Por outro lado, algumas outras versões sobre pós-humanidade também têm circulado na cultura ocidental há muito tempo, desde Friedrich Nietzsche ao tratar da

⁸ O interessante é que Victor, o criador de Frankenstein, queria fazer o homem perfeito. Um humano com as melhores características biológicas e mentais. Um traço bem característico do discurso pós-humanista que é o de transformar o ser humano “imperfeito” em um ser pós-humano, muito melhor e “perfeito”.



idéia do super-homem, ou seja, um homem que também teria ultrapassado suas limitações e se tornado em um homem mais evoluído em todos os sentidos: fisicamente, culturalmente e intelectualmente. Essa relação entre a noção nietzscheana do super-homem e a idéia contemporânea do pós-humanismo tem sido inclusive sugerida por alguns estudiosos do imaginário cibercultural.

Alguns autores como Jean Baudrillard, Marshal McLuhan e Timothy Leary ampliaram essa idéia em seus escritos, através de suas retóricas de simulação e evolucionismos por meio de meios artificiais e tecnológicos, mas somente através da cultura popular e do movimento *cyberpunk* é que esses temas tomaram corpo e despertaram maiores interesses.

Na esfera da cultura popular, corpos mutados e inteligências super-humanas têm povoado a imaginação da ficção científica desde seus tempos mais primórdios, mas é somente através da atividade do grupo de ficção científica *cyberpunk* em meados da década de 80 que o movimento cinegético entre subculturas em desenvolvimento interessadas em novos desenvolvimentos em biotecnologia e comunicação mediada por computador realmente decolou (TERRANOVA, 2000: 269).

Podemos perceber como mitos modernos, de um passado recente – década de 80 – contribuíram muito para consolidar a idéia do pós-humano como subcultura da cibercultura; basta lembrarmos da extraordinária popularidade de alguns dos ícones imaginativos de William Gibson, famoso pelo livro *Neuromancer*, os quais o transformaram em uma espécie de papa da cibercultura, com suas referências e contribuições para a criação da cultura eletrônica.

Com o aumento dos usuários de Internet e a propagação dos meios de comunicação digitais por todo mundo, esses grupos conseguiram ultrapassar os limites de seus círculos para espalharem suas idéias por todo mundo. Tornaram-se, também, vanguardistas deste mundo que cada vez mais se consolida como forte característica do universo cibercultural. Organizações como *Movimento Extropiano*, *Movimento Viridiano* e os *Transhumanistas*, conseguem atingir mais adeptos e criam um estilo próprio para comunicar suas idéias.

O ciberespaço é o espaço que compreende a rede, a internet, e é nesse local sem demarcações geográficas, sem limites ou barreiras físicas e temporais, onde é possível ser o que se quiser e estar onde se desejar, que o imaginário do pós-humanismo vai se proliferar. Imaginário esse que não ocupa somente os textos de ficções *cyberpunk* ou os estudos dos teóricos sobre cibercultura, mas se difunde por todo o ciberespaço, em



inúmeras páginas e *websites*. Talvez até pelas características nas quais se configura o ciberespaço, esse seja o local perfeito, por excelência, para alojar toda a idéia do pós-humano.

Na verdade, é dentro desse espaço da rede que o imaginário do pós-humano se expressa com toda a sua força. São inúmeros os sites que tratam do tema: *posthuman.com*, *world tranhumanist association*, *viridian movement*, *extropy institute*, entre muitos outros em um universo bastante significativo de entradas em sites de busca ao digitarmos a palavra *posthuman* ou pós-humano. Neles, os discursos que encontramos apontam para uma visão de mundo complexa e paradoxal, na qual se encontram várias dualidades como religião e ciência, matéria e espírito, natural e artificial, orgânico e maquínico.

Podemos, então, analisar o que é e de que forma se dá esse discurso pós-humanista, tão presente em páginas na internet. Como poderíamos defini-lo? Como ele se apresenta e quais suas características?

Primeiramente, o que percebemos nesses *websites* é que a principal forma de disseminação das idéias dessas instituições e organizações se dá através de manifestos. É através deles que seus membros esclarecem o que são e o que pensam. Muitos deles soam liberais enquanto outros têm um tom mais radical. Mas o que mais se caracteriza nesses manifestos é um intenso uso de metáforas e tropos discursivos que tendem a se alinhar a discursos mítico-religiosos.⁹

Tomemos a definição do *site* “*posthuman.com*”, apresentado anteriormente. Sua definição que soa como direta e objetiva revela, ao mesmo tempo, ingenuidade e imprecisão. Ela simplesmente não informa outros detalhes que expliquem ou detalhem o que realmente vem a ser humano e como as tecnologias poderiam condicionar uma conversão do sujeito para um estado de pós-humanidade.

Por certo podemos afirmar que essa definição não compartilha da idéia do ciborgue de Donna Haraway¹⁰. Para ela, somos todos ciborgues porque estamos continuamente fazendo uso de técnicas e artifícios, que nos fazem híbridos como máquina e organismo – *o homem maquínico*. Também podemos perceber que essas

⁹ Nova Jerusalém Celestial, Nova Cidade de Deus, Infonauta, Imenso mar de dados, homo ciberneticus, super-homem, corpo angélico, etc. Essas são apenas algumas das frases e palavras usadas para falar do ciberespaço ou do homem pós-humano

¹⁰ Para maior aprofundamento dessa questão, ver: HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, in SILVA, Tomaz Tadeo da (org). *Antropologia do Ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.



subculturas encaram a condição pós-humana como uma potencialidade futura, algo a se cumprir, e não como uma realidade corrente.

Outro ponto evidente, anteriormente mencionado, que merece ser focalizado é o uso de frases rebuscadas, grande número de metáforas e variedades de visões utópicas expectantes nos discursos. Autores e organizações pós-humanistas utilizam-se desse recurso para definir o pós-humano. Basta navegar em qualquer um dos *sites* listados no *Google* pelo termo *posthumanism* para encontrar neles várias figuras metafóricas. Além disso, como foi evidenciado anteriormente, existe uma estreita aproximação dos discursos do pós-humano com a ficção científica.

Com isso, podemos destacar dois aspectos importantes que se apresentam nos discursos pós-humanistas: o primeiro é do pós-humano quase sempre projetado num futuro ainda a cumprir-se, o que aproxima os manifestos pós-humanistas dos textos de ficção científica. As narrativas são geralmente expectantes e futuristas. O segundo é um caráter de imprecisão das definições e conceitos defendidos nos discursos e manifestos pós-humanistas. As formas discursivas têm no recurso à metáfora um de seus principais instrumentos.

Outra característica desses manifestos e declarações é que, assim como oposições a ideais políticos, dependendo das características do grupo que se dirige, seus discursos podem ter tons liberais ou totalitários, mas não tão definidos; uma espécie de política dos ciborgues que assim como o próprio ser, é híbrido, passeando em ambos estilos: autoritário ou liberal.

A World Transhumanist Association e o Extropy Institute

Ao acessar o *website* da World Transhumanist Association, logo na página de introdução intitulada *melhor do que bem*, aparece uma autodefinição da organização, na qual ela se identifica e revela, de uma maneira geral, sua idéia central e suas ações:

A World Transhumanist Association é uma organização de membros, sem fins lucrativos, que advoga sobre o uso ético da tecnologia para expandir as capacidades humanas. Nós apoiamos o desenvolvimento e o acesso a novas tecnologias que possibilitem a todos usufruírem mentes melhores, corpos melhores e vidas melhores. Em outras palavras, nós queremos que as pessoas estejam melhores do que bem (<http://www.transhumanism.org/index.php/WTA/index/>).

A mensagem que passa ao leitor, aquele que acessa a página, é a de uma organização que preza pela liberdade ao acesso às novas possibilidades criadas pelas



tecnologias, mas ao mesmo tempo defende a adoção de algumas regras para o mesmo quando se refere ao uso ético dessas tecnologias. Já aparece aí uma contraposição de idéias de ao mesmo tempo liberar e controlar o desenvolvimento e o acesso a essas novas tecnologias. Porém, como se dará esse processo não é explicitado em um primeiro momento.

Outro dado interessante se encontra na sessão intitulada *programas*, a qual se subdivide em seis diferentes temas – *saúde global, melhores relacionamentos, tecnologia ética, maiores direitos, mais vida e visões* – com figuras bem interessantes relacionadas aos temas. O fato é que o site é repleto de simbolismos e não é à toa. Ao analisarmos seus conteúdos podemos perceber o quão cheio de metáforas e simbolismos eles são.

No site da WTA, que também trata do pós-humanismo, podemos perceber nitidamente esses dois traços dos discursos pós-humanistas:

A humanidade será radicalmente modificada pela tecnologia no futuro. Nós prevemos a possibilidade da reconfiguração da condição humana, incluindo parâmetro como a inevitabilidade do envelhecimento, limitações nas inteligências humana e artificial, psicologia não escolhida, sofrimento, e nosso confinamento no planeta Terra (<http://www.transhumanism.org/index/declaration>).

Vemos na passagem acima o primeiro traço dos discursos pós-humanistas, que é o de projetar um futuro ainda a cumprir-se. Há uma utilização de verbos que indicam futuridade, de modo a permitir uma gama de possibilidades imaginárias para os desenvolvimentos das sociedades tecnológicas. Apesar de mencionar temas contemporâneos como envelhecimento e inteligência artificial, seus interesses estão realmente voltados nas virtualidades abertas de um possível ou fictício porvir.

Ao ler toda a declaração da WTA, muito similar à linguagem de manifestos, ver-se-á também que muitas definições e conceitos que são defendidos nos discursos são imprecisos e cheios de expressões metafóricas, demonstrando o segundo aspecto dos discursos pós-humanistas, como o exemplo abaixo, retirado do WTA FAQ¹¹:

Cuidado deve ser tomado para evitar má interpretação. “Pós-Humano” não denota apenas qualquer coisa que venha a acontecer depois da era humana... Em particular, não apenas implica que não exista mais o humano... (<http://www.transhumanist.org/index/WTA/faq>).

¹¹ FAQ significa *Frequently Asked Questions*, ou, “*Questões Frequentemente Perguntadas*”. Trata-se de uma página contendo perguntas e respostas sobre os mais variados temas. Por exemplo: *O que é transhumanismo? O que é pós-humano?*



Nesta respectiva página (WTA FAQ), durante a explicação de muitas perguntas, sempre encontramos respostas imprecisas e com pouca objetividade, nas quais é expresso um grande cuidado para que o leitor não as interpretem mal, justamente pela resposta não conter precisão.

O interessante disso tudo é perceber o quanto associações ou movimentos como o da WTA, espalhados por toda *World Wide Web*, são carregados de discursos e manifestos que possuem, claramente, um relacionamento entre tecnologia e transcendência. Em outras palavras, temos o homem buscando a perfeição, tentando transcender as barreiras do corpo, da pele, da mente, através da tecnologia que muitas vezes é venerada e tomada quase que por algo religioso. O que vemos nesses *websites* é uma espécie de adoração à tecnologia, como se ela fosse algo salvador que libertasse o homem de seu corpo limitado.

No quinto item da Declaração Transhumanista, essa relação do ser pós-humano com a tecnologia – tecnofilia acima da tecnofobia – fica bem clara:

No planejamento para o futuro, é fundamental levar em conta o prospecto do progresso dramático nas capacidades tecnológicas. Seria trágico se benefícios potenciais falhassem em se materializarem por causa de tecnofobia e proibições desnecessárias. Por outro lado, seria trágico se vida inteligente se extinguisse devido à algum desastre ou guerra envolvendo tecnologias avançadas (<http://www.transhumanism.org/index/declaration>).

Já no Extropy Institute, além de se autodenominarem como o Transhumanismo Original, ou seja, foram eles os precursores, eles se auto-intitulam como os melhores no assunto ao afirmarem: “O instituto Extropiano foi pioneiro em discussões multidisciplinares de tecnologias futuras e seus contextos sociais, e continua sendo uma força considerável no campo” (<http://www.extropy.org/>). Podemos detectar aí um certo nível de comparação e competição com outras organizações transhumanistas.

No *link About Extropy Institute*, podemos encontrar todas as informações sobre os extropianos, sabendo sobre a missão do instituto e seus princípios. Em ambas as páginas, podemos encontrar nitidamente as características dos discursos pós-humanistas, além de alguns traços semelhantes aos do discurso do World Transhumanist Association.

Da mesma forma que no site anterior, podemos encontrar um certo cuidado dos extropianos para que não sejam mal-interpretados ou que seus termos não sejam mal-



empregados, dada a linguagem metafórica e imprecisa usado pelos mesmos. Isso se comprova na passagem abaixo intitulada *Uma nota para o uso de “Extropia”*¹²:

Eu irei escrever normalmente algo como “extropia procura...” ou “extropia questiona...” Você pode ter isso como significando “Enquanto assim como nós agimos em acordo com esses princípios, nós procuramos/perguntamos/estudamos...” “Extropia” não significa uma entidade ou força real, mas somente como uma metáfora representando tudo que contribui para nosso florescimento. Semelhantemente, quando eu uso “nós” você deve ter isso para se referir não a qualquer grupo mas para qualquer um que concorde com que está lendo (<http://www.extropy.org/About.htm>).

Também essa passagem já nos mostra que a utilização de metáforas ou linguagens rebuscadas é algo normal e que por isso é que o leitor deve tomar alguns cuidados ao ler os conteúdos do *site*. Fica então caracterizada a segunda característica principal dos discursos pós-humanistas que é um caráter de imprecisão das definições e conceitos defendidos nos discursos e manifestos. As formas discursivas usam a metáfora, a comparação e a analogia como instrumentos importantes.

A título de exemplificação da primeira característica principal do discurso pós-humanista, no qual o pós-humano é quase sempre projetado num futuro ainda a cumprir-se, o que aproxima os manifestos pós-humanistas dos textos de ficção científica e onde as narrativas são geralmente expectantes e futuristas, podemos ver a passagem abaixo, retirada da *Missão do Instituto Extropiano*:¹³

Com melhor sabedoria e tomada de decisões, humanos poderiam viver muito mais com uma saúde melhor-do-que-“perfeita”; melhorar seu auto-conhecimento e noção das dinâmicas interpessoais; superação cultural, psicológica e mimética no pensamento; melhoramento da inteligência em todas suas formas e aprender a se desenvolver em mudança e crescimento (<http://www.extropy.org/mission.htm>).

Podemos perceber também, que os extropianos colocam a tecnologia como algo maravilhoso, salvador, algo que ajudará a todas as pessoas superarem suas dificuldades e transcender suas limitações, ou seja, a tecnologia nos dá possibilidades de sermos seres modificadamente melhores:

Avanços em tecnologia (incluindo “tecnologias sociais” de gerência de conhecimento, aprendizado, e tomada-de-decisão) estão começando a nos habilitar a mudarmos a própria natureza humana em seus aspectos físicos, emocionais e intelectuais. As possibilidades radicais agora surgindo podem causar grandes problemas ou podem melhorar

¹² No original: *A Note On The Use Of “Extropy”*.

¹³ No original: *Mission Statement Of Extropy Institution*.



enormemente a condição humana/transhumana
(<http://www.extropy.org/mission.htm>).

Pelo fato dos transhumanos serem um estágio intermediário na escala de evolução do humano para o pós-humano, um aprimoramento na condição transhumana pode ser considerado um passo para a condição pós-humana, ou seja, através dos avanços das tecnologias poderíamos alcançar um estágio de pós-humanidade.

Por fim, se torna claro para nós que nos *sites* de organizações que tratam do presente tema, é fácil encontrar em seus discursos e manifestos as características principais dos discursos pós-humanistas, pois em todos eles a tecnologia é algo mágico, divino – divinização da tecnologia – e todas as possibilidades criadas por ele são coisas possíveis de serem imaginadas nos dias de hoje, mas só acontecerão no futuro, no porvir.

Essas imagens nos demonstram como que as barreiras entre a tecnologia e a natureza humana estão cada vez mais maleáveis, as inúmeras possibilidades de nós podermos interferir no biológico graças às tecnologias. Podemos perceber que a tecnologia cada vez mais se atrela ao corporal, ao humano, nos remetendo às idéias da robótica e do pós-humano. As ações de um corpo tecnologizado determinam muitas mudanças em nossos modos sensoriais; é por isso que a arte tecnologizada, por exemplo, explora uma natureza em que o corpo humano e as tecnologias se comunicam (uma simbiose) interfaceando real/virtual.

A presença decisiva das tecnologias em nosso ambiente indica que o homem está reinventando a vida e determinando uma outra natureza para a espécie. Isto está ganhando tal amplitude que, no século que nos espera, totalmente imersos no contexto das interações com as tecnologias, cada homem poderá dizer a si próprio: “*eu sou na medida de minhas conexões*” (DOMINGUES, 1997: 29-30).

O que espero ter conseguido até aqui é ter feito com que esse estudo possa servir de ponto de partida para muitas outras pessoas que vierem a se aventurar por esse universo tão fascinante, mesmo que o mapeamento aqui exposto, de definições e conceitos que abarcam o tema do pós-humano, possam não ter ficado tão claros ou definidos em relação ao que é o pós-humano ou o que significa ser pós-humano, essa outra representação do humano tão presente na Internet.



Referências Bibliográficas:

DOMINGUES, Diana. *A Arte no Século XXI*. São Paulo: Ática, 1997.

FELINTO, Erick. *A Religião das Máquinas: Ensaio Sobre o Imaginário da Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____, Erick. *O Pós-Humano Incipiente: Uma Ficção Comunicacional da Cibercultura*. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 5-9., set./2005, Rio de Janeiro. *Anais...*

GRAHAM, Elaine L. *Representations of the Post/Human: Monster, Aliens and Others in Popular Culture*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2002.

HALBERSTAM, Judith & LIVINGSTON, Ira. *Posthuman Bodies*. Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, in SILVA, Tomaz Tadeo da (org). *Antropologia do Ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

HAYLES, Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

RUTSKY, R. L. *High Techné: Art and Technology from the Machine Aesthetic to the Posthuman*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico: Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

TERRANOVA, Tiziana. “Post-Human Unbounded: Artificial Evolution and High-Tech Subcultures”, in Bell, David & Kennedy, Barbara M. (orgs.). *The Cibercultures Reader*. New York: Routledge, 2002.

WERTHEIM, Margaret. *The Pearly Gates of Cyberspace: a History of Space from Dante to the Internet*. New York: W. W. Norton & Company, 1999.

Relação de sites consultados:

Extropy Institute – <http://www.extropy.org> - acesso em 22/11/2005

Posthuman.com – <http://www.posthuman.com> - acesso em 29/10/2005

Viridian Movement – <http://www.viridiandesign.org> - acesso em 13/11/2005

World Transhumanist Association – <http://www.transhumanism.org> - acesso em 29/10/2005